

NA RETA FINAL

Wilson do Nascimento

Aragão no céu está rindo sozinho



Jayme Moniz de Aragão foi um dos mais importantes proprietários do turfe carioca e deve-se a ele, na sua época, muito da vibração e do entusiasmo obtidos pelo nobre esporte em horas difíceis. Dono de uma coudelaria das mais queridas do povo, tendo como treinador o saudoso e legendário Oswaldo Feijó e como jóquei outra figura inesquecível da velha guarda, o extraordinário freio Reduzino de Freitas.

Perdia e ganhava com a mesma classe e categoria e se alguma vez reclamava era quando prejudicavam os seus animais. Dotado de invulgar personalidade, conseguia o impossível: fazer falar Oswaldo Feijó, para discutir como se devia correr este ou aquele cavalo. O velho mestre do entrainment não ouvia muito nem mesmo o Reduzino, mas quando chegava o seu Jayme já ele mudava um

pouco, em que pese custar a abrir mão de seus pontos de vista e, via de regra, acabando, quase sempre, por impor a sua vontade.

Um dia, nem sei bem por quê, o repórter estava na cocheira e pôde, então, ter uma idéia geral de como eram as coisas ali. Feijó gostava que seus pupilos corressem na frente. Era uma constante da sua técnica. Se Reduzino achava o contrário ele retrucava meio feroz: "um jóquei como você não sabe correr de chegada, na frente? Não aprendeu ainda? Pois eu posso ensinar".

Jayme Moniz de Aragão sorria feliz com seu treinador e com seu jóquei, naquele jeito todo seu, homem alto e magro, fumando à moda Oswaldo Aranha, cigarro no canto da boca. Naquela simplicidade e extrema bondade era brabo também, sabia falar mais alto, impor seus argumentos e

quando a coisa esquentava podia mesmo até xingar. Mas cinco minutos depois lá estava ele entregue à grandeza do seu coração, incapaz de fazer mal a uma mosca e sempre pronto a ajudar a fazer o bem. Foi um dono de craques, um vencedor que sabia ganhar — e ganhava muito — porque, antes de tudo, ele sempre soube perder.

Estamos contando tudo isto porque o dono de Latero deve estar rindo sozinho lá no céu com os sucessos do seu filho Jayme Moniz de Aragão, aqui na terra, no mesmo turfe que ele sempre amou. Desdegarotinho, o hoje vitorioso treinador adora os animais. Sempre que podia estava nas cocheiras, discutia, olhava, ouvia, dava seus palpites. Mais tarde resolveu montar. Começou em páreos de amadores e depois foi jóquei profissional, atuando em vários prados.

Aqui na Gávea tem conquistado muitos êxitos e tem demonstrado toda sua capacidade. Forma no primeiro time dessa gente nova e fabulosa que é uma garantia do futuro de nosso turfe. Nisto nós que amamos o turfe temos muita sorte, pois, de verdade, temos de nos orgulhar deste grupo que tantos shows tem dado para alegria da velha guarda.

E o nosso Jayme Moniz de Aragão não triunfou apenas como treinador. Foi mais longe: conquistou sua classe,

ganhou a confiança absoluta dos seus companheiros.

Não há dúvida de que ele tem a vocação da liderança. De uma tranquilidade a toda prova, mas não fazendo concessões absurdas. É um homem de educação aprimorada, amante do diálogo. Não faz imposições. Defende idéias e pontos de vista, zela pelos interesses da classe profissional. Ainda agora, neste recente episódio dos jóqueis que não queriam montar na grama pesada, Jayme Moniz de Aragão foi o grande líder, conduzindo as coisas sem ferir ninguém, menos ainda vaidades, para dialogar onde uns poucos — graças a Deus — têm horror a olhar jóqueis e treinadores, cavalariços nem se fala, como figuras humanas. Mas Jayminho superou tudo isto, tirou de letra, como se diz na gíria, e conseguiu uma grande vitória onde pintava uma tremenda tempestade. O bom senso prevaleceu e para isto o líder dos profissionais colaborou e muitíssimo, sem alardes, naquela velha calma britânica, que nada tinha de covarde, mas, sim, de muita inteligência e heroísmo. Ganharam todos. O turfe mais ainda. E os que perderam podem não perdoar o presidente da Associação dos Profissionais, mas já estão perdoados pelo outro Aragão, o que está no céu, rindo feliz, orgulhoso do seu filho. E o repórter também sorri com ele.